

SÍNDROME DE DOWN E FOTOGRAFIA

Rafaella Garcia Monticelli*

Daniele Cristina Carletti Heis

Resumo:

Ao pensar nas dificuldades na linguagem oral e escrita de alunos com Síndrome de Down, se torna essencial à procura por novos meios didáticos a fim de potencializar sua aprendizagem. O uso da fotografia em ambiente escolar surge como um suporte didático para sensibilizar e construir conhecimentos, pois trabalha as linguagens não verbais e interpretações a partir de um conceito preestabelecido. A presente pesquisa pretende mostrar a relevância do uso da fotografia, como mediadora do processo de construção de conhecimentos em Artes em alunos com Síndrome de Down. Foi realizada uma revisão bibliográfica qualitativa, feita a partir de um levantamento literário de oito estudos relacionados com a temática em questão e analisados sob a prática pedagógica. Esses estudos apontam que a prática de ensinar e construir significados pode ser um caminho árido, no entanto poderá potencializar as habilidades inerentes a cada um utilizando os recursos oferecidos pela fotografia em sala de aula. Para o aluno com SD, a possibilidade de ver aquilo de forma real, como uma foto consegue captar, é mais uma maneira de tornar o conhecimento acessível e efetivo, pois há um maior aproveitamento na habilidade da memória visual, sendo imprescindível essa ferramenta para minimizar o déficit de aprendizagem. Sabendo que a prática pedagógica necessita ser transformada, é possível concluir que os recursos da fotografia podem contribuir para a mudança nos paradigmas educacionais, especialmente na abordagem da educação inclusiva.

Palavras-chave: síndrome de Down; aprendizagem; fotografia e arte.

Abstract:

To think in the oral and written language difficulty in Syndrome of Down students, becomes essential the search for new teachings resources to increase their learning. The photography use in school environments arises like a didactic support to sensitize and build knowledge, because works non-verbal languages and interpretations from a predetermined concept. This research aims to show the important photography use, like a mediator in the Art knowledge construction process in Syndrome of Down students. The methodology was qualitative bibliographic review made in eight literary studies related with the thematic and analyzed about the pedagogical practice. This

* Contato: lilith_ll@hotmail.com.

study suggests that a pedagogical practice and construct meaning will be a hard way, however may increase cognitive skills each student using resources of photographic at classroom. For each Syndrome Down student, the ability to see how a picture is capable of playing is the way to make affordable and real knowledge. This didactic support is necessary to minimize the learning deficit. Knowing that pedagogical practice needs to be transformed is possible to conclude that the resources of photography can contribute for chance in the educations paradigms, especially for inclusive education.

Keywords: Down syndrome; learning; photography and art.

Introdução

Esta pesquisa tem o objetivo de mostrar a relevância do uso da fotografia, como mediadora do processo de construção de conhecimentos em Artes em alunos com Síndrome de Down. Com a regulamentação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96) - LDB – “§ 20 o ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, se torna componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. (Redação da LEI Nº 12.287/06.07.2010)”. Com a obrigatoriedade da disciplina Artes no ensino básico nacional, tornou-se necessário pensar em uma educação inclusiva significativa.

Os novos meios de comunicação e tecnologia surgem como mediadores da construção de conhecimento. Segundo Vygotsky (1984), o desenvolvimento humano é compreendido por meio de trocas que se estabelecem durante a vida, entre o indivíduo e o meio, cada um interferindo sobre o outro. Havendo assim uma reciprocidade entre desenvolvimento e aprendizagem. Atualmente, uma forma de entrar em contato um com o outro, de uma forma abrangente e cada vez mais acessível, é a fotografia. Seu uso, para construção de conhecimento de Artes em ambiente escolar para alunos com Síndrome de Down, pode ser significativo para o aprendizado dos mesmos.

Os efeitos da tecnologia em nossa sociedade só podem ser vistos com o sujeito implicado nesta realidade, sem o mesmo não acontece aprendizagem. Com isso justifica-se a fotografia e seu uso como um suporte didático no ensino de Artes com alunos com Síndrome de Down.

O termo Síndrome de Down - SD¹ - foi descrito em 1866 por John Langdon Down. Esta alteração genética afeta o desenvolvimento do indivíduo, determinando algumas características físicas e cognitivas.

Schwartzman (1999) fornece uma explicação minuciosa física para pessoas com SD, eles possuem face levemente alargada, ponte nasal mais plana do que a usual, nariz menor, olhos levemente inclinados para cima, mas há poucos estudos e pesquisas sobre como aprendem e se desenvolvem. Afirma também, que mesmo diante de causas genéticas, fatores ambientais têm importância fundamental no desenvolvimento de pessoas com essa síndrome.

A SD acarreta consequências no desenvolvimento global, sendo as mais comuns: hipotonia, alterações cardíacas, complicações respiratórias e alterações sensoriais na audição e na visão. Na parte cognitiva há um atraso na linguagem, apresentando dificuldades na produção da fala, dificuldade na memória auditiva e no raciocínio lógico-matemático. Contrapondo esse aspecto, há um maior aproveitamento na habilidade da memória visual, sendo imprescindível o uso de suporte visual para minimizar o déficit da linguagem.

Vários autores vêm se debruçando sobre essa temática. Entre eles pode se citar Bissoto, 2005; Anastasiou, 2011; Freitas, 2011, Foreman e Crews, 1998; Freitas e Anastasiou, 2008, entre outros, que afirmam que trabalhados de uma forma diversificada e levando em consideração suas habilidades e conhecimentos prévios, os alunos com SD apresentam um relevante desenvolvimento cognitivo.

Diante do exposto, este trabalho tem por objetivo geral: mostrar a relevância do uso da fotografia como mediadora do processo de construção de conhecimentos em Artes em alunos com Síndrome de Down. Seus objetivos específicos são: a) verificar o uso de novas tecnologias, especificamente a fotografia, no processo de ensino-aprendizagem no ensino de Artes; b) analisar estudos que comprovam que o trabalho com fotografia transforma o conhecimento de alunos com Síndrome de Down.

Pensando nas dificuldades na linguagem oral e escrita de alunos com SD, se torna essencial à procura por novos meios didáticos para potencializar sua aprendizagem. O uso da fotografia em ambiente escolar surge como um suporte didático para sensibilizar e construir conhecimentos nas aulas de Arte, pois trabalha as linguagens não verbais e interpretações a partir de um conceito preestabelecido.

¹ O termo Síndrome de Down será mencionado SD a partir desse momento.

Esta pesquisa aponta que pode ser árduo ensinar a construir significados, potencializando as habilidades inerentes a cada um e utilizando as possibilidades didáticas da fotografia em sala de aula. Para o aluno, a possibilidade de ver aquilo de forma real, como uma foto consegue captar, é mais uma maneira de tornar o conhecimento acessível e satisfatório.

A fotografia como suporte visual, surge como um recurso educativo para aprendizagem do aluno com SD. Sabendo-se que a Educação vive uma fase de declínio, e que se faz necessário uma modificação na prática pedagógica, especialmente quando se fala em educação inclusiva.

1. Referencial teórico

Este capítulo abordará o desenvolvimento cognitivo e o processo de aprendizagem de crianças com SD. Faz-se necessário a revisão de estudos e características que forneçam uma explicação sobre o tema, a fim de não originar perspectivas errôneas e distorcidas sobre o mesmo.

1.1. Desenvolvimento cognitivo em crianças com SD

Estudos com crianças com SD apontam novas perspectivas para as intervenções pedagógicas, cujas essas necessitam estar cada vez mais presentes nos ambientes escolares.

Vygotsky (1988) afirma que o desenvolvimento cognitivo inicial da criança depende muito dos signos externos e na medida em que vai se desenvolvendo e com a mediação, a criança começa a trabalhar com os signos internamente, sendo capaz de interiorizar as ações que antes eram apenas exteriores, desenvolvendo assim o processo de aprendizagem. Rego (1995) fornece uma explicação sobre o que seriam os signos; é algo que representa situações, ideias, situações ou objetos, o signo tem função de ajudar na memória humana, utilizado para lembrar, registrar, acumular informações, etc.

Buckley e Bird (1994) apontam algumas características sobre o desenvolvimento cognitivo e linguístico em crianças com SD, estudadas nos seus cinco primeiros anos de vida, são elas: atraso no desenvolvimento da linguagem, dificuldades na produção da fala e vocabulário reduzido, dificuldades em compreender ordens ou orientações que envolvam múltiplas informações, baixa

memória auditiva e capacidade do processamento auditivo, déficit cognitivo em processos lógico-matemáticos, capacidade de concentração reduzida.

Para Pinter e colaboradores (2001), o responsável pelo déficit cognitivo e a falta de atenção em pessoas com SD, seria o volume dos lobos frontais significativamente reduzidos. Partindo desse pressuposto é que se intensificam o uso de meios alternativos e recursos visuais para apoiar a aprendizagem. Segundo Foreman e Crews (1998), os usos de meios alternativos possibilitam uma melhor qualidade comunicativa junto ao seu meio. Buckley e colaboradores (1993) compartilham da hipótese de Foreman, de que a compreensão das pessoas com SD é bem mais do que aquela que eles conseguem verbalmente explicitar. Swetlik e Brown (1977), afirmam que o impedimento da linguagem e das habilidades de comunicação, constituem os maiores impedimentos para a integração efetiva de cidadãos afetados pela Síndrome de Down.

Segundo Freitas (2007, p. 2), o processo de aprendizagem acontece quando ocorre uma mediação, seja ela com a presença de um professor ou o uso da tecnologia, como uma ferramenta de transmissão de conhecimento:

Não há espaço para a transmissão de conhecimentos sem a presença dos signos, dos símbolos e da cultura, considerados como agentes mediadores e ferramentas úteis no processo de aquisição do conhecimento. Para adequar posturas e métodos a um modelo que coincide com práticas educativas atuais e com a inclusão de novas tecnologias de informação e comunicação (2007, p.2).

Freitas e Anastasiou (2008, p.5) abordam as possibilidades da arte para pessoas com SD. Para eles o fazer em arte não responde a fórmulas ou aprendizagens pré-estabelecidas, por se tratar de um saber aberto que, mais do que configurar um pacote de conhecimentos acumulados, gera uma relação significativa em cada momento, com particularidades e especificidades da realidade. Este fazer em arte em relação com os acontecimentos do mundo implica um sujeito criativo, em diálogo com experiências complexas, que produzem tanto uma transformação na pessoa que cria, como no contexto em que está inserida.

Segundo Freitas e Teixeira (2011) mesmo que tenham características físicas específicas, geralmente, as pessoas com síndrome de Down possuem mais semelhanças do que diferenças em relação à população em geral. Não há um padrão estereotipado e previsível para todas as pessoas com síndrome de Down, uma vez que

tanto o comportamento, quanto o desenvolvimento não dependem exclusivamente da síndrome, mas das influências que sofrem com os fatores socioculturais.

Os estudos citados possibilitam evidenciar que o desenvolvimento das crianças com SD pode ser potencializado quando são estimulados de forma diversificada, podendo utilizar como recurso as novas tecnologias disponíveis nos dias atuais. É possível confirmar essa evidencia quando o professor passa a mediar o uso da tecnologia e a criança no ambiente escolar, estimulando a aprendizagem e provocando a construção de novos conceitos.

1.2. A fotografia e a arte

Para introduzir o conceito de fotografia, faz-se necessário uma rápida abordagem sobre sua raiz: a Arte. Segundo Martins, Picosque e Guerra (1998) mesmo antes de aprender a escrever, o homem já se expressava através da linguagem da arte. O homem pré-histórico criava seus desenhos e os expressava nas paredes das cavernas. Esses desenhos e pinturas rupestres expressaram a sensibilidade visual do ser humano e a necessidade de criar e projetar imagens para exprimir a realidade.

Somente no início do XIX é que surge o primeiro procedimento fotográfico, descoberto por Joseph Nicéphore Niépce (CAMPOS, 2014). Segundo MACHADO (2007. p.) fotografia é a técnica de produzir imagens visíveis sobre superfícies, direta ou indiretamente, pela ação da luz ou outra forma de energia radiante. É uma das invenções que mais influenciaram as últimas décadas. É responsável a dar forma à expressão artística e capaz de transmitir informações através do tempo, deixando de lado a tradição verbal, escrita e pictórica de mostrar ao homem a realidade. Nesse contexto onde uma imagem vale mais do que um texto, que a fotografia pode ser mediadora de conhecimentos também em ambiente escolar.

A fotografia sempre teve a função de mediar o presente e o passado e seu encontro com a Arte surge como um elo entre acessibilidade e conhecimento.

Lévy (1999) afirma que o homem do nosso tempo necessita dominar conceitos básicos de aprendizagem, que inclui ética e cidadania. Deve ter o direito assegurado para utilizar novas tecnologias de informação, hoje consideradas como imprescindíveis no processo de construção do conhecimento.

Atualmente a tecnologia é comumente usada como um recurso didático na educação inclusiva. Esse recurso pode ser ressaltado ao usar a fotografia em aulas de Artes como uma possibilidade de fortalecimento da aprendizagem.

Observando a trajetória da arte como educação, observa-se uma estrada longa que sofreu várias alterações, desviando e desvinculando do caminho original. Para uma melhor orientação do estudo, será apresentado um breve recorte histórico sobre o ensino de Artes no Brasil.

O ensino da Arte nas escolas começou com uma ideologia de preparar o aluno apenas para o mercado de trabalho, ignorando a Arte como conhecimento, que é a utilizada hoje em dia nas escolas.

É possível orientar o ensino de arte nas escolas em dois princípios: (1) a efetivação do processo de aprendizagem da arte através do ensino de técnicas artísticas, para uma formação meramente propedêutica, que visa, como por exemplo, à preparação para a vida no trabalho; (2) e na utilização da arte como ferramenta didático-pedagógica para o ensino das disciplinas mais importantes do currículo escolar, tais, como Matemática e Língua Portuguesa. Nessa concepção, o ensino de arte na educação escolar não possui um fim em si mesmo, mas, serve como meio para se alcançar objetivos que não estão relacionados com o ensino de arte propriamente dito. (Silva e Araújo 2011, p.5).

Entretanto, com a introdução das correntes artísticas expressionistas, futuristas e dadaístas na cultura brasileira, através da realização da Semana de Arte Moderna de 1922, a ideia de livre-expressão do ensino da Arte e da valorização da expressão e da espontaneidade da criança, permitiu que o conceito que antes era técnico passasse a entender a Arte como expressão criativa, conforme citação abaixo:

A idéia da livre-expressão, originada no expressionismo, levou à idéia de que a Arte na educação tem como finalidade principal permitir que a criança expresse seu sentimento e à idéia de que a Arte não é ensinada, mas expressada. Esses novos conceitos, mais do que aos educadores, entusiasmaram artista e psicólogos, que foram os grandes divulgadores dessas correntes e, talvez por isso, promover experiências terapêuticas passou a ser considerada a maior missão da Arte na Educação (BARBOSA,1975, p. 45).

Ocorreu que, após instaurar o ensino de artes como conteúdo obrigatório na educação escolar, através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), de nº 5.692, promulgada em 11 de agosto de 1971, foi instituída a obrigatoriedade do ensino de arte nos currículos das escolas de 1º e 2º graus, cabendo à arte, dentro do currículo escolar, desempenhar, apenas, o papel de mera atividade. Nesse momento era possível classificá-la em duas modalidades: (1)

Disciplinas (áreas do conhecimento com objetivos, conteúdos, metodologias e processo de avaliação específica); (2) e atividades (desenvolvimento de práticas e procedimentos).

As práticas pedagógicas na concepção de ensino da arte como atividade eram: (1) cantar músicas da rotina escolar e/ou o canto pelo canto; (2) preparar apresentações artísticas e objetos para a comemoração de datas comemorativas; (3) fazer a decoração da escola para as festas cívicas e religiosas; entre outras.

Existia uma necessidade de que o ensino da arte fosse diferente para as novas gerações, e foi com esse pensamento que os arte/educadores brasileiros se organizaram e lutaram politicamente para garantir a presença da arte no currículo escolar, a partir da ideia de que arte é um campo de conhecimento específico, com objetivos, conteúdos, métodos de ensino e processos de avaliação da aprendizagem próprios, e não apenas uma mera atividade. A partir desse movimento é que o ensino de Artes tomou outro rumo nas escolas brasileiras. O desenvolvimento intelectual é buscado através da manifestação da razão, pois existe na arte um conhecimento estruturador, que permite a potencialização da cognição.

Segundo Silva e Araújo (2004, p.15), na contemporaneidade, a concepção de ensino de arte como conhecimento vem sendo apontada pelos diferentes estudos, como a orientação mais adequada para o desenvolvimento do ensino de arte na educação escolar.

Diante do exposto, Gardner (1998) conclui: “que se pode pensar na arte e no ensino da arte como um dos caminhos possíveis em uma proposta inclusiva. Mais especificamente a arte dos dias atuais, a arte contemporânea”. Nesse sentido percebemos como o ensino da Arte norteia com liberdade, envolvendo o intelecto com as emoções.

Compreender que o ensino da Arte em ambiente escolar deve ter uma abordagem mais contemporânea impõe pensar de maneira diferente: a Arte como uma área de conhecimento, que abrange a construção social, histórica e cultural. Isso nos possibilita trazer a arte para o domínio da cognição, onde se baseiam a aprendizagem dos conhecimentos artísticos, a partir da inter-relação, entre o fazer, o ler e contextualizar arte, "Proposta Triangular" abordada por Ana Mae Barbosa em seu livro "Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte- 2a.Ed, São Paulo, Cortez, 2003. Na Educação ainda é bastante atual olhar a Arte como área de conhecimento, recordando que no Brasil foram, aproximadamente, quatro séculos

baseados na concepção de arte como técnica, ou seja, uma mudança ainda em construção. Diante dessa realidade, pode-se afirmar que o professor necessita conhecer as influências sofridas por esse processo de ensino e aprendizagem da arte ao longo da história, para que possa entender a situação da arte-educação no contexto do paradigma da inclusão e refletir sobre sua atuação pedagógica, com o objetivo de aprimorá-la. Somente assim é que este terá condições de escolher recursos adequados e adaptados segundo as necessidades de seus alunos.

1.3. A importância da mediação para um aprendizado significativo

Ao definir mediação direciona-se para a relação professor/aluno, no qual o professor é quem guia o aluno no caminho do conhecimento, onde o mesmo não consegue alcançar sozinho. Entretanto, a mediação deve ser compreendida na relação entre professor/conhecimento/aluno, pois assim o foco da mediação não se restringe somente a presença corpórea do professor junto ao estudante, o foco da atenção volta-se também para o conteúdo a ser ensinado e o modo de torná-lo próprio ao aluno.

Vygotski (1988) delinea o conceito de mediação pela perspectiva sócio-histórica, compreendendo que a mediação é um processo cultural pela aprendizagem, ela estabelece uma ligação, o signo, a atividade e a consciência interagem socialmente. É a escola que ocupa o lugar mais privilegiado no que se diz respeito a aprendizagem, onde passa a ser umas das principais fontes de construção de conhecimento. Nesse aspecto a presença da mediação se torna importante, pois o processo interpessoal de interação professor/aluno está envolvido não apenas no aspecto cognitivo, mas também no afetivo.

O papel que professor/ensinante desempenha é fundamental. Freitas (1996) conclui que o aluno se desenvolve a medida que, em interação com adulto/professor ou com companheiros mais experientes, é que se apropria da cultura elaborada pela humanidade através da internalização, denominado processo de apropriação.

Para melhor compreensão do papel fundamental do professor como mediador do conhecimento, é preciso saber que a mesma ocorre antes da aula propriamente dita. Seu início ocorre na organização das práticas pedagógicas, quando se planeja o objetivo e as ações de aprendizagem.

Oliveira (1993, p. 35) fornece uma explicação sobre o papel do professor e suas práticas pedagógicas, ressaltando o papel da mediação:

O professor deve contribuir positivamente com os pilares que fundamentam as práticas de intervenções pedagógicas que devem estimular o aluno a estruturar e aprimorar o conhecimento. Ao professor cabe-lhe o papel de mediador, provocador de conflitos, estimulador, propiciador de recursos e ainda ser o engenheiro que construirá a ponte entre o que a criança já conhece e o que será assimilado. (Oliveira 1993, p. 35).

Atualmente para aprimorar e estimular a aprendizagem dos alunos, o professor precisa conhecer e adequar novos métodos a um modelo que coincide com práticas educativas atuais, com a inclusão de novas tecnologias de informação e comunicação e a cultura que esse aluno está inserido. Segundo Freitas (2007, p.2):

Com a inclusão sócio-educativa, a mediação adquire um caráter de grande importância, uma vez que situa três questões imprescindíveis no processo de construção do conhecimento: o aluno, como sujeito que aprende; o professor como mediador; a cultura, os signos como ferramentas a serem empregadas. O princípio que regula a dinâmica implícita nessa trama conceitual é a interação social. (2007, p.2).

Assim, como o autor acima cita a interação social como base fundamental do processo de construção de conhecimento, Vygostky (1987) afirma que em tempos de educação inclusiva, a interação é o princípio essencial.

O processo educativo requer uma mudança de paradigmas. Levy (1999) em seus estudos, diz que a sociedade contemporânea necessita dominar conceitos básicos de aprendizagem e exercitar outros conceitos básicos, como a ética e a cidadania. E que todo indivíduo tem por direito assegurado o uso de novas técnicas de informação e comunicação, para que a sua formação seja global e se adaptada às rápidas mudanças tecnológicas.

Para isso as novas tecnologias devem ser integradas ao processo de aprendizagem nas escolas, possibilitando assim, uma integração de uma nova cultura de aprendizagem. Castells (1999) afirma que o conhecimento que advém das novas tecnologias de informação e comunicação forma um cosmos com múltiplas realidades. A técnica surge para auxiliar o ser humano a assimilar a condição humana da sociedade do novo milênio.

Para se aperfeiçoar e preparar o aluno de forma integral é preciso pensar em um novo currículo, no qual os meios de comunicação e as novas tecnologias sejam presentes e utilizadas nas diferentes áreas de conhecimento, construindo assim um aprendizado significativo. A formação do aluno, segundo Brasil (1999) deve incluir

conhecimentos básicos, preparação científica e a capacidade para utilizar as diferentes tecnologias relativas às distintas áreas de atuação.

Pensando no aluno com SD, Buckley e colaboradores (1993) também defendem o uso de sistemas de comunicação aumentativos/alternativos como recursos para facilitar a aprendizagem dos mesmos, uma vez que esse sistema baseia-se em signos (símbolos, imagens, fotos, objeto real). Desde a década de 1980, Buckley desenvolve investigações quanto ao uso de atividades mediadas com recursos alternativos, predominantemente atividades visual/gestual apoiadas, que comprovam uma significativa melhora quanto ao aprendizado de leitura e escrita.

Após a exposição de estudos de diferentes autores, é possível de afirmar que uma prática pedagógica que promova o desenvolvimento do aluno, estimulando-o e ajudando-o, por meio de mediações significativas, será capaz de desenvolver um aprendizado real. O processo de construção do conhecimento, na sociedade atual deve incluir as novas tecnologias, pois estas são capazes de fornecer uma leitura sistemática da nova era. É importante que a presença do professor seja de um mediador entre o aluno e a tecnologia em ambiente escolar.

Encerrada as discussões acerca da teoria que embasam esta pesquisa o próximo capítulo apresentará o percurso metodológico desse artigo.

2. Metodologia

O presente artigo trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica. Para a sua realização optou-se pela revisão de literatura em artigos, livros e sites pertinentes à temática abordada.

O objetivo da pesquisa foi realizar um exame minucioso e atento em pesquisas já antes feitas sobre o tema Síndrome de Down e processo educativo de forma diferenciada, que comprovam que o trabalho com fotografia transforma o conhecimento de alunos com Síndrome de Down. Para conceituação e análise foram estudados os autores Anastasiou, Freitas, Bissoto, Paiva, Silva e Araújo. Por meio de estudos feitos anteriores e possibilidades atuais, a revisão bibliográfica busca construir novos conhecimentos sobre o tema proposto e possibilitar um avanço no déficit educacional para crianças com SD.

É uma pesquisa qualitativa com caráter descritivo e argumentos expressos sob a forma de texto, feita a partir de um levantamento literário e análise dos referenciais teóricos obtidos. Assim como afirma Godoy (1995) a abordagem qualitativa, não se

apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, permitindo que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques.

Foi feita uma análise de outras pesquisas já realizadas com o enfoque da fotografia em ambiente escolar e uma verificação dos resultados obtidos em alunos com Síndrome de Down.

3. Discussão dos Resultados

Esta pesquisa procurou compreender, analisar e verificar estudos já antes realizados em alunos com SD e o uso de novas tecnologias em ambiente escolar para minimizar o déficit da linguagem. Este estudo permitiu a visualização das dificuldades e das potencialidades, baseando-se na análise da bibliografia consultada.

Com base nos estudos desenvolvidos averiguou-se que a ação educacional necessita considerar de que há necessidades educacionais próprias de aprendizagem relacionadas às especificidades da SD e que devem ser reconhecidas e trabalhadas por meio de técnicas apropriadas, ressaltando que cada um possui um processo de desenvolvimento particular, fruto de condições genéticas e sociais próprias. Utilizando a fotografia, como uma mediadora do conhecimento, se amplia a zona de desenvolvimento proximal para o nível real, corroboram o aporte teórico de Vygotsky na qual nos permite considerar que a tecnologia pode e deve ser empregada nas aulas de Artes. Além de que a fotografia é de fácil acesso, tendo em vista que atualmente quase todos os aparelhos de mídia eletrônica possuem uma câmera fotográfica.

Utilizada no campo educacional, a fotografia, ensina o educando a desenvolver sua percepção do olhar, a atentar-se às coisas e objetos de seu cotidiano com um olhar mais crítico, transformando assim o processo de construção de conhecimento educacional. Para Paiva (2009) a fotografia quando trabalhada de maneira adequada permite ao indivíduo compreender-se como parte de uma sociedade que tem aspectos históricos e sociais que precisam ser contextualizados.

Nos alunos com SD foi possível perceber que houve um desenvolvimento no processo de aprendizagem, quando os mesmos foram estimulados e incentivados com uma prática pedagógica alternativa, tornando o conhecimento mais palpável e

acessível. Anastasiou e Freitas (2011) evidenciaram a aprendizagem dos alunos com SD em seu estudo, observando que em vários momentos além do uso da fotografia como mediadora nas aulas de Artes, um ensina o outro, dá ideias e, ao falar sobre sua percepção, facilita o processo de aprendizado.

O processo de construção de conhecimento atual para crianças com SD deve incluir novas tecnologias nas mais variadas áreas do conhecimento, pois assim acentuam-se diferentes formas de representação e de interação social para uma melhor aprendizagem e, quanto mais o uso de recursos para potencializar a aprendizagem cada ser humano tiver a possibilidade de adquirir e de exercitar, melhor será seu desenvolvimento.

Freitas (2011) afirma que integrando tecnologia na produção de imagens fotográficas com pessoas com SD, possibilita a inclusão de novos conceitos didáticos para uma pedagogia da diferença. Dessa forma não realça o exotismo, nem endemoninha o outro, mas busca local a diferença tanto em sua especificidade, quanto em sua capacidade de formar posições para relações sociais e práticas culturais criticamente engajadas, ao estimular e valorizar a aprendizagem da criança e do jovem, com ou sem necessidades especiais, como um ser que se expressa, imagina e cria.

Evidenciou-se nesse estudo, que as crianças com SD aprenderam de maneira mais eficaz quando houve uma interação do grupo diante da experiência da exploração do recurso didático em conjunto com a proposta apresentada pelo professor mediador. A experiência e a integração social são afirmadas por Vigotsky (1984) como elementos que favorecem diferentes aprendizagens e que é uma construção que se dá em interação social. Portanto integrando fotografia como um recurso didático para crianças com SD em aulas de Artes, possibilitará a inclusão social numa nova proposta educativa.

Analisando o papel da escola na inclusão, Hernández (1998) afirma que é necessário redefinir as funções da escola, adequando os saberes transmitidos e construídos às necessidades e demandas da sociedade atual. A educação deve ser capaz de superar dicotomias entre o global, o local, o universal e o particular.

O educador além de estar preparado para enfrentar fracassos, deve enxergá-los como parte de um processo dinâmico que se busca o conhecimento. Torna-se necessário uma postura flexível no processo de desenvolvimento dos seus alunos, provocando transformações e adequações a cada momento que for necessário, para assim se chegar a uma efetiva aprendizagem. Isso ressalta o papel do educador em

estar mais atento as novas possibilidades do uso de novas tecnologias na área de comunicação alternativa que vem sendo apresentadas na atual realidade da educação. Para isso as novas tecnologias devem ser integradas aos processos de construção de conhecimento, na qual são exigidas diante desse cenário inclusivo.

Sabendo-se que a Educação necessita de uma transformação, e que se faz necessário uma modificação na prática pedagógica, conclui-se que a fotografia pode ser utilizada como um fundamental recurso educativo para aprendizagem do aluno com SD, especialmente quando se fala em educação inclusiva.

4. Considerações Finais

Por meio deste estudo foi possível reconhecer a importância do uso das novas tecnologias, em especial a fotografia, como potencializador do processo ensino-aprendizagem. Ressalta-se que é necessário rever o papel do ensino escolar aos alunos com SD, para assim torna-lo mais acessível e significativo aos mesmos. O papel do educador nesse contexto inclusivo é fundamental, pois é ele quem modificará suas práticas pedagógicas, quebrará paradigmas conservadores e assim eliminar as barreiras que excluem e impossibilitam o acesso ao conhecimento.

É necessário que haja uma contribuição dos novos didáticos, como o uso da tecnologia como um recurso para potencializar a aprendizagem em sala de aula, com os processos de construção social e educacional, e também que estes colaborem para estabelecer uma interação entre a Educação e a Inclusão de natureza realmente transformadora.

Como os seres humanos se constroem “nas” linguagens e “pelas”² linguagens, oportunizar o acesso das pessoas com deficiência intelectual à linguagem fotográfica, é considerar as possibilidades e não os limites como eixo pedagógico (VYGOTSKY, 1983), no sentido de exercitarmos a diferença como forma de problematizarmos as desigualdades que restringem os seres humanos de exercerem uma educação que abrange a real inclusão.

Espera-se que o presente estudo possibilite o desenvolvimento de um olhar mais crítico sobre a prática pedagógica inclusiva do ensino de Artes e que o mesmo seja comprometido com o crescimento integral e desenvolvimento cultural dos alunos

² Ênfase do autor do artigo.

com SD. Lembrando que independentemente da deficiência, cada ser é único e se desenvolve de acordo com seu tempo biológico e com os estímulos que recebeu durante sua vida.

Referências

ANASTASIOU, H.P. e FREITAS, N.K. **Síndrome de Down e ensino de Arte: Possibilidades da Tecnologia como mediadora.** In: *Anais do VIII Fórum de Pesquisa Científica em Arte*. Curitiba: ArtEmbap, 2011.

BISSOTO, M.L. **Desenvolvimento cognitivo e o processo de aprendizagem do portador de Síndrome de Down: revendo concepções e perspectivas educacionais.** *Revista: Ciências & Cognição*, v. 4, 80-88, 2005. Disponível em: <<http://www.cienciaecognicao.org>>. Acesso em 10 jul. 2014.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Lei número 9.394, de 23 de dezembro de 1996. Lei que fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília, DF, 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2014.

BUCKLEY, S.J.; EMSLIE, M.; HASLEGRAVE, G. e LEPREVOST, P. **The development of language and reading skills in children with Down's Syndrome.** Portsmouth: University of Portsmouth, 1993.

_____; BIRD, G. **Meeting the educational needs of children with Down Syndrome.** Portsmouth: Sarah Duffen Centre/University of Portsmouth, 1994.

FOREMAN, P. e CREWS, G. **Using augmentative communication with infants and young children with Down Syndrome.** *Down Syndro. Res. Pract.*, 5, 16-25, 1998.

FREITAS, A.P. **A construção de narrativas por adolescentes com Síndrome de Down: Um estudo da dinâmica interativa na sala de aula.** Campinas: Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, UNICAMP, 1996.

FREITAS, N. K. **Novas tecnologias, educação, formação de professores e construção do conhecimento.** *Revista: Ibero-Americana de Educación*, n. 57, v. 3, 2007. Disponível em: <<http://www.rieoei.org/deloslectores/2179Freitas.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2014.

FREITAS, N. K.; TEIXEIRA, R.M. **Linguagem e Desenho: formas de comunicação e de expressão do pensamento em pessoas com síndrome de Down e com autismo.** In: FREITAS, Neli Klix; RAMALHO, Sandra Regina; NUNES, Sandra Conceição. *Proposições Interativas III: Arte, Pesquisa e Ensino*. Florianópolis: UDESC, 2011, p. 73-91

FREITAS, N.K.; ANASTASIOU, H. P. **Desenho e Inclusão Sócio-educativa: Diálogos com a Arte.** In: *Anais do VI Fórum de Pesquisa Científica em Arte*, Curitiba, ArtEmbap, p. 5, 2008. Disponível em: <<http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/Forum/anais-vi/08HeleneAnastasioueNeliFreitas.pdf>>. Acesso em 01 jul. 2014.

GARDNER, J. **Cultura ou Lixo. Uma Visão Provocativa da Arte Contemporânea.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 76, 1998.

GODOY, A.S. **Introdução a Pesquisa Qualitativa e suas possibilidades**. São Paulo: Revista de Administração de Empresas, v.35, n.3, p.20-29. Mai/Jun, 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>> Acesso em 20 out. 2017.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Ed. 34,1999.

MACHADO, A. **Arte e mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

MARTINS, M.C.; PICOSQUE, G.; GUERRA, M. T. T. **Didática do ensino da arte a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte**. São Paulo: FTD, p.197, 1998.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: Aprendizado E Desenvolvimento, Um Processo Sócio-Histórico**. São Paulo: Ed. Scipione, 1993, p.35.

PINTER, J.; ELIEZ, S.; SCHMITT, J.E.; CAPONE, G.T. e REISS, A.L. **Neuroanatomy of Down's Syndrome: A High-Resolution MRI Study**, 2001.

REGO, T.C. **Vygotsky: Uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

SCHWARTZAN, J.S. **Síndrome de Down**. São Paulo: Mackenzie, 1999.

SILVA, E.M.A. e ARAÚJO, C.M. **Tendências e concepções do ensino de Artes na educação escolar brasileira: Um estudo a partir da trajetória histórica e sócio-epistemológica da arte/educação**. GE: Educação e Arte, n.1, p.5, 2011. Disponível em: <http://30reuniao.anped.org.br/grupo_estudos/GE01-3073--Int.pdf>. Acesso em 14 set. 2014.

VYGOTSKY, L.S. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. **Los problemas fundamentales de la defectología contemporânea**. In: Obras Escogidas V. Madrid: Editorial Pedagógica, 1983.